

LÁ DOS PRINCÍPIOS DO SÉCULO

10
11
12
13

Há mais notícias. Pela senhora do primeiro direito, que tem telefone: para os lados da Pampulha está tudo a correr às mercearias. E pelo Ramiro da subcave, que regressou do trabalho às quatro e meia da tarde, o patrão mandou fechar à pe-peressa, que fossem todos para casa, sobretudo as senhoras, deixem tudo como está, desa-pa-pareçam.

Mas a senhora do primeiro andar não se abre com ninguém, nem o marido gosta disso, a criada é que ouviu coisas. Por ela, senhora do primeiro andar, nem sim nem não. E o rapaz é pouco de fiar. Tudo lhe serve para fugir ao trabalho e andar pelo quintal a rondar a criadita da cave (lado esquerdo), uma mocinha magrizela, quase sem peito ainda, mas de olho entornado, cor de amêndoa, mandada vir da província, com forte oposição do marido da senhora, «não quero menores cá em casa, vê lá no que te metes!», e bem sabia o que dizia, pois não tinha um mês de casa e já fora apanhada com o Ramiro entre o muro e a nespereira, mesmo em pé, quando a supunham a lavar a louça do jantar. As viúvas do rés-do-chão (direito) é que deram o alarme, não lhes escapava nada. Aliás uma viúva e sua irmã. Mas tão iguais, tão vestidas de preto, a mesma fita no pescoço, o mesmo xalinho roxo pelos ombros que já nem se distingue qual delas foi a casada, ficaram para todos «as viúvas».

«Olhem para aquilo, já não há vergonha nem respeito, ali à vista de toda a gente como os cães.» Indignação evidentemente exagerada. Algo suspeita. Ainda há anos, era o Ramiro um gaiato, o chamavam muito lá para casa, que bonitos caracóis, vou-te dar rebuçados, mas tens de ser bonzinho, anda cá, vem buscá-los. Ela, a solteira, fechava-se com ele no quarto muito tempo, a penteá-lo, a mostrar-lhe caixinhas, retratos, sentava-o no colo, mas tens de ser bonzinho, que bonitos caracóis, queres outro rebuçado? Até que ele começou a enjoar-se. Não estava para aturá-las. A mãe não o largava: «já foste hoje às senhoras?». Era a porteira do prédio, queria estar bem com toda a gente. Mas, à medida que o rapaz crescia, as velhas — lá para ele, pois não eram tão velhas como isso — davam-lhe nojo, sobretudo a que tinha a mania de fazer-lhe festas, de apertá-lo muito ao peito, anda cá, vou lavar-te os joelhos, quero que andes limpinho. Demorava-lhe as mãos pelos calções, a vestir-lhos bem, a alisar-lhos, a esticá-los, a meter-lhe a mão nos bolsos, que é que tens aqui dentro? Sem ele perceber o que ela queria. Senão, oh velha duma figa, teria sido diferente. Mas cuspiam no chão a essa ideia. O ra-aio da velha!

Vergonha tinha a mãe, que precisava de respeito em casa por causa de manter o seu lugar, por causa dos comensais, e olha o filho que tinha, para aquilo não era ele gago. Que fora brincadeira de crianças, não mais se repetiria. Já lhe dera uma sova. E pediria à senhora da cave que não deixasse a rapariga ir ao quintal ou, então, mandasse-a embora porque ela era, está visto, levantada e rapazes são rapazes, podia acontecer alguma. Mas a senhora da cave, quem havia de dizer?, abespinhara-se toda, na sua casa era ela quem mandava, não ia despedir a rapariga só porque o filho da porteira era um malandro, ainda daquela idade e já a abusar da inocência, ela própria lhe quebrava as costelas com a vassoura se ele voltasse a atrever-se.

Também o Pereira do rés-do-chão (esquerdo), chegou mais cedo. Mas meteu a chave à porta sem olhar para ninguém, como era, aliás, costume seu. Esse nem chus nem bus.

A Carlota, criada do terceiro (esquerdo), já anda para cima e para baixo, a deslizar de patamar em patamar, discretamente, a escorrer pelos lanços, é ela que assegura as ligações no prédio

tudo, um prédio de seis andares e rés-do-chão, mais a cave e a subcave, sem escada de serviço, tudo se passa ali na escada principal (chamam-lhe assim vá-se lá saber porquê), por trás dos ralos, na penumbra dos patamares de portas que se entreabrem quando ela faz o seu sinal: dois toques com os nós dos dedos. Conhece a vida de cada um, as amizades, as aversões, põe a correr o que houve, às vezes o que não houve, sobretudo depois das dez, quando a Joaquina porteira vai buscar o candeeiro de petróleo, pendurado desde as sete entre o rés-do-chão e o primeiro, e o leva para baixo até ao dia seguinte. É um prazer ver os que baixam os olhos, sobretudo as que baixam os olhos, não raramente corando, quando se cruzam com ela, a D. Alda do terceiro direito por exemplo, ela chama-lhe a Alda, que não é só divorciada, recebe cavalheiros, o que ela vê perfeitamente pelo ralo, quando não abre mesmo a porta, como que por acaso, para a outra saber que alguém está dentro do segredo. Defendeu sempre a Ernestina, a mocinha da cave. Que, quanto às «viúvas», abrenúncio!, ela não viu, não estava lá...

— O seu Ramiro sente-se doente? A esta hora já em casa...

Suposições, portanto. Ou invenções. Quando a senhora do primeiro andar (direito), sabendo pelo telefone do que vai pela Pamulha, se chegou à janela e afastou a cortina com o dedo, apenas o bastante para ver e não ser vista, ninguém tem nem isto assim para dizer dela, verificou que a porta da farmácia se fechava e havia um grupo de homens no passeio. E outro mais acima. Esses, sim, saberão alguma coisa.

Enquanto o Lopes dos móveis, entre portas, vai chupando a sua cigarrilha, de feição prazenteira. Querem barulho. Querem festa. Mas felizmente isso vai acabar de vez. Entre duas fumagas: vai acabar e é de vez.

Fala-se da Rotunda. E do Terreiro do Paço. E da Penha de França. Tudo, na verdade, muito pouco seguro, porque o moço da farmácia voltou há pouco precisamente da Penha de França e nada viu de anormal por lá. Pois que havia de ver?

Mas, se acaso é invenção, está a cidade toda cheia dela. Um inquilino lá em cima, ninguém sabe bem quem seja, o prédio só interessa até ao quarto andar, onde mora (lado esquerdo) o

comissário Santos, daí em diante é uma confusão de quartos alugados, gente que entra e sai, empregados da Carris, mulheres que trabalham fora, operários, esse assegura que vai haver salsifré. Tão certo como certo. O que faz o Lopes rir, quando a notícia, de janela para janela, se espalha pela rua. Querem festa, já vão ver como é que acaba a festa.

Até que alguém estende o braço com o dedo espetado: «Olha! Olha!» Como quem diz: já está.

Um eléctrico sobe a rua sem parar, à cunha, com gente pelos estribos fora. E, atrás desse, outro. E outro, já com passageiros no tejadilho. «Hoje é de bo-orla!» — diz o Ramiro, radiante.

Era o sinal indesmentível. A Baixa despovoava-se. E havia naquilo um ar de medo, fuge, mete-te em casa, não arranjes sarihos, mas também um ar de festa, pelo feriado inesperado, a quebra da rotina.

No primeiro andar (esquerdo), a D. Georgette começa a ficar inquieta. Está à janela, debruçada, quer bem saber que a vejam à janela!, olhando lá para baixo, para os começos da rua. Viu chegar o garoto da subcave, o Pereira do rés-do-chão, o Antunes do segundo esquerdo. Só o marido, nada. É muito capaz, meu Deus, de estar metido nisto. Não seria a primeira vez. Acorre ao guarda-fato, não encontra a farda, levou-a sem dizer nada, está metido na coisa com certeza. E cai em frente do oratório, de joelhos, oh meu Deus!

Agora é que o Lopes dos móveis, satisfeito, já não pode haver dúvidas, fecha a loja (o correr da porta ondulada parece uma explosão, tudo volta a cabeça) e vai indo até casa, aqui perto, noutra rua. Querem festa, vão ter festa, a tropa sabe o que faz. Oxalá não haja muitos estragos. Que, quanto a mortos, enfim, se fossem dessa escumalha, até era uma limpeza. Mas as balas não têm olhos, aí é que está o busílis.

E começa o tiroteio, lá por cima, rasando as águas-furtadas, dir-se-ia. Estampidos de canhão, muito espaçados, ena pai, este foi de respeito. E agora já acreditam?

A partir deste momento, a rua está vazia. Os inquilinos foram-se juntando na entrada da escada, os homens, está bem de ver, por-tão fechado, numa confraternização espontânea de gente que mal

se fala ou nem se fala normalmente. Como nos outros prédios, com certeza. Até o senhor Rodrigues, o reformado do primeiro direito, «meus senhores» (para a esquerda), «meus senhores» (para a direita), apareceu também. É uma tortura estar fechado em casa, a mulher tem os nervos num feixe desde o telefonema da manhã e agora, com o tiroteio, muito pior, só fala com a criada, para se zangar com ela, que não tinha nada que andar por aí a badalar, como se a pobre tivesse culpa do que está a acontecer. De forma que o senhor Rodrigues, com o seu boné de quadradinhos, desceu também à entrada, mais para se libertar da atmosfera da sua própria casa do que para confraternizar. Tem um certo prestígio, o senhor Rodrigues, por causa do telefone. Querem saber a sua opinião, o que é que sabe. Mas ele não sabe nada, o telefone avariou-se.

Há sempre gente bem disposta. Contam graças, histórias de outras revoluções, que aquilo não dura muito, o pior são os civis, não sabem mexer nas armas, são um perigo. Os que mais falam são os que moram do quarto andar para cima, pois já está tudo misturado, é quase um tu cá-tu lá, o que visivelmente desagrada ao Antunes do segundo esquerdo, ao Luciano da cave, que não abrem a boca a bem dizer, enfim, é no que dão as revoluções.

E passam nisto o dia todo. O tiroteio prossegue, irregular. Durante largos espaços parece até que tudo terminou. Há quem queira abrir a porta para ver, ir cheirar nos arredores. «É melhor não, é melhor não.» E, realmente, o tiroteio recomeça, ora mais vivo, ora menos, ora mais longe, ora mais perto. Pelas sete, sete e meia, as pessoas vão jantar, «então não são servidos?», como todos os dias. Depois regressam, os boatos nascem não se sabe de onde, discutem-se hipóteses, tácticas de assalto e de defesa, até à hora em que a Joaquina porteira vem buscar o candeeiro, o leva para baixo. Trabalha como um relógio, não tem nada a ver com revoluções. Calada, claro. Não quer ofender ninguém. Mas é fácil de entender que não lhe agrada nada a ausência dos seus clientes: não vêm comer, não pagam.

Sem luz, é incómodo ficar na escada. Além de inútil. Os inquilinos despedem-se por isso, voltam a suas casas, às famílias ansiosas, vão dormir. Um grande contratempo o telefone do Rodrigues estar avariado. Ou foram as meninas que abandonaram o

serviço, é o mais certo. Deitam-se pois com as galinhas, na esperança de que, ao outro dia, esteja tudo resolvido. Só a Carlota anda algum tempo ainda a escorrer pelos andares, por sinal com proveito. Cheira-lhe a contrabando, fica à coca. O Antunes (do segundo), a dada altura, sobe a escada cautelosamente, nem um fósforo acende, entra na da Alda, que o espera, está-se mesmo a ver que sim, ele não bate, a porta abre-se e fecha-se sem ruído. Divorciadas! É o que ela está farta de dizer: divorciadas!

Ou a revolução também se recolheu para descansar, ou o sono em todo o prédio tão profundo foi que ninguém ouviu nada durante a noite inteira. E a cena da véspera repete-se. Sobre o tarde. Os homens demoram-se na cama, como se domingo fosse, só pelas dez, dez e meia, alguns depois, ainda, começam a chegar à entrada da escada. «Então? O que é que há? Alguma novidade?» Tiritos de vez em quando, uma metralhadora, mas já se está habituado, pouca coisa.

Em todo o prédio só faltam duas pessoas, que se saiba: o comissário Santos, de serviço, pois claro, são os ossos do ofício, e o capitão Raposo, do primeiro esquerdo. Capitão na reserva, preso mais duma vez, trocam-se olhares entendidos, anda por lá, ninguém duvida, nunca mais tem juízo. Pobre D. Georgette! Diz a Carlota que ela não faz senão chorar. E «as viúvas»? Essas, sem homem, sem elemento pois de ligação com a escada e sem as bênçãos da Carlota, para lá estão trancadas, fitinha no pescoço, xalinho pelos ombros, a espreitar pelas cortinas.

O sossego continua. E, então, alguém abre o portão, a experimentar. O perigo é só se dão por eles, ali em pinha, pode supor-se uma emboscada. Uma nesga, primeiro, depois dois, três palmos, já senhores do terreno. Mas fecham logo, à pressa. Pela rua abaixo, a toda a velocidade, passa um camion sem capota, carregado de civis armados e cantando. Estão malucos, cantando! Os homens, dentro da escada, agacham-se instintivamente. Com medo de serem vistos pelas frestas envidraçadas que há nos batentes, dos puxadores para cima.

E agora? Virão mais? Estão agachados, olhando uns para os outros, vexados, é natural. E vão-se levantando, com um riso amarelo, que haviam de fazer?

É então que aparece no patamar do rés-do-chão, com um cesto no braço e o ar mais natural e mais simples desta vida, a mocinha da cave. A Ernestina. Olá!, pensam alguns. Esta é a tal, que dá cavalaria. Mas tão novinha ainda, uma criança... Sapato raso e meias de algodão, enroladas nas ligas pouco acima dos joelhos, daqui de baixo vê-se, espera que a deixem passar.

— Onde é que tu queres ir? — diz-lhe o patrão, o bom do senhor Luciano, sem conseguir evitar um pensamento impiedoso: cheira-lhe a homem, cheira-lhe a soldados.

Ela responde que a senhora é que mandou. Parece que a mercearia da esquina tem a porta encostada e começam a faltar os mantimentos. Um sorriso pálido, discreto, com o cesto no braço.

Os homens ali na escada, não são eles que governam a casa, só agora consideram a situação difícil em que todos se encontram. Se as coisas demoram muito ficarão sem nada para comer. E, se o merceiro lá está, convém mesmo tentar. A patroa da moça era de olhão e ela, a moça, um bem do céu.

— Espera lá, menina, espera lá!

O Rodrigues reformado, com o seu boné aos quadrinhos, sobe ao primeiro andar para saber da mulher se não precisarão de nada. Que a rapariga há-de fazer-lhes esse jeito. E logo outros lhe seguem o exemplo, se o senhor Luciano dá licença, não se importa?

Quando a Ernestina sai para a rua, sem pensar em perigos, qual conversa, leva um rol considerável de encomendas. «Mas tem cuidado», e quase a empurram, a atiram para a frente, «tem cuidado!».

A Ernestina foi, a Ernestina voltou. Ajourjada. Cobrem-na de agradecimentos, de felicitações, que mocinha corajosa.

— Não que-eres a-a-ju-uda?

O Ramiro, malandreco, sentado num degrau da escada.

— Ajuda precisas tu — diz um dos vizinhos lá de cima, um dos pouco ou nada conhecidos — mas com um porrete na cabeça!

E voltou-se ao ramerrão. Quem estaria a estas horas na Rotunda. Se seria verdade que um cruzador se propunha bombardear o Terreiro do Paço. O Terreiro do Paço? Porque não toda a cidade?

— Se os revoltosos ganham é que vai ser bonito.

— Ah vai?

— Bom. É uma maneira de falar. Até talvez fosse melhor. Eu dessas coisas não sei nada.

— Mas vai insinuando...

E outra novidade. O Pereira em pessoa, o que não fala nem olha para ninguém, abre de mansinho a porta do seu rés-do-chão (o esquerdo), põe-se a olhar para baixo, como quem procura ou escolhe.

— O senhor Luciano queria ter a bondade de chegar aqui um momentinho?

O Luciano, sem saber o que pensar de tal convite, subiu logo o lanço da escada, ora essa, por quem é, fez o que o senhor Pereira lhe pedia, entrou. Na saleta, mais sombria do que a da sua cave por causa dos pesados reposteiros, da muita cangalhada a cobrir as paredes, viu uma mesa de jogo com um tabuleiro de damas sobre a flanela verde, as pedras muito brancas, muito pretas, já postas nos seus lugares. Que limpeza e que tranquilidade!

— O senhor desculpará. Noutras circunstâncias, nunca eu procederia assim. Mas tem de concordar. Isto rebenta com os nervos ao mais calmo dos cidadãos. Como eu me prezo de ser. Lá para a escada não vou. Não gosto de misturas.

— Nem eu, meu caro senhor.

— Ora então até calha muito bem. Lembrei-me. Talvez o senhor Luciano, que até agora não tinha o prazer de conhecer pessoalmente, quisesse jogar uma partidinha comigo. Sempre é tempo que passa.

O senhor Luciano sim senhor, foi uma excelente ideia, ficou-lhe até bem grato.

O dono da casa para a mulher, que está lá dentro: — Ó Auzenda, faz-nos aí um cafezinho. Ou prefere um licor?

De longe, devia ser realmente muito longe, veio um estrondo de canhão. E outro. E outro.

Agora é que isto está a aquecer, pensam na escada, pouco ou nada tranquilos. Está para durar. Recrudescem as explosões, agora muito mais perto, ao que parece, o martelar frenético das

metralhadoras. Optimistas admitem que talvez seja o fim, um grande ataque decisivo. Mas qual fim! Vê-se que é dos dois lados, uma raivosa discussão interminável. Bolas para isto tudo. Desta vez é mesmo a sério.

Ninguém repara, primeiro, que uma das «viúvas» apareceu à porta do seu sacrário, o rés-do-chão direito. Mas ela está lá. Vista de baixo, dir-se-ia mais alta, com a fita no pescoço, o xale roxo pelos ombros, a cara branca de cal. A cara é que impressiona, mesmo branca de cal.

— Estão a vir para aqui!

— Para aqui?

Todos levantam a cabeça, espantados com esta aparição, com esta voz, não percebendo bem, mas como é que ela sabe?, não têm tempo de ir aos seus andares para verificarem, abrir o portão nem pensar nisso, atropelam-se pelos degraus da entrada acima, invadem de roldão a casa das «viúvas», onde só elas põem pé há muitos e muitos anos, dirigem-se, sôfregos, para as janelas. E são elas que apontam por dentro das cortinas; estão ali. Precisam de apoio e companhia, estão transidas.

Com efeito. De um lado e de outro da rua, colados mesmo aos prédios, soldados de infantaria, em fila indiana, avançam lentamente, meio curvados, baioneta calada em riste, como quem espera, a cada passo, encontrar de frente o inimigo. Vêm-nos de cima, os capacetes, as baionetas na ponta das espingardas: pode dar-se ali um recontro, ali mesmo, na rua, em frente do seu prédio. Todo o cuidado é pouco. Têm de avisar as pessoas quanto antes, evitar imprudências. E os vizinhos abandonam a casa das «viúvas», onde caíram cadeiras, alguma coisa se partiu, espalham-se escada acima, escada abaixo, batendo às portas com o mínimo de barulho. Que ninguém abra janelas! Que ninguém vá à janela! O Pereira, com uma pedra do jogo na mão, e o Luciano surgem no patamar muito intrigados, inteiram-se da situação, avisam para dentro: que ninguém abra janelas!, que ninguém vá à janela! O Luciano dá um pulo a casa para repetir o aviso. Por prudência. Que ninguém vá à janela! Depois regressa ao rés-do-chão, come ao Pereira três damas, de seguida, murmurando irritadiço: «Quando é que isto acabará?»

Os outros voltam para a entrada do prédio, é o seu posto, ouvido à escuta. Agacham-se para os não verem da rua, agora, sim, há mais que razão para isso, esperam. Distingue-se perfeitamente, do outro lado do portão, o raspar das solas dos soldados no empedrado do passeio. Parece uma fila interminável. Outra igual do outro lado da rua. Nada a fazer senão esperar.

Se um combate se der aqui em frente, nada os livrará de entrarem balas pelas janelas. O melhor é fugir tudo para as traseiras, sobretudo não abrir janelas, não abram as janelas. Agachados, os homens contam os minutos, confiados na espessura da madeira do portão. Já não têm vergonha de ter medo. Só querem que o tempo passe.

E, de repente, um estalo seco, enorme, muito perto, seguido de outros dois. E, logo a seguir, um grito. Arripiante.

Os homens erguem-se de chofre. Foi ali, foi no prédio.

Abrem-se portas em todos os andares. Já ninguém cuida de evitar o ruído. Foi ali, foi no prédio.

No rés-do-chão esquerdo, o Luciano levanta-se num pulo, diz «já venho», sabendo que não virá. Reconheceu no grito alucinado, alucinante, uma voz bem conhecida. Fura por entre a gente que anda na escada, a tentar ver o que foi e onde foi, desce à cave, mete a chave na porta com certa dificuldade, tem a mão a tremer, dá com a mulher de joelhos, num choro desesperado.

Na frente dela, com a cara em sangue, os olhos entornados, muito claros, fixos, está estendida no chão a Ernestina.

Ele não entende logo. Olha o sangue na cara da mocinha, um grosso fio de sangue que escorre para o pescoço, já pinga para o chão.

— Mas o que foi? Mas como é que isto foi?

A mulher nem responde. Chora, grita, as mãos apertando o coração, como se lhe custasse respirar.

Ele fita os olhos fixos da mocinha, a saia levantada dum lado, os braços abandonados, que foi isto?

Depois vai compreendendo. A rapariga deve ter entreaberto uma greta da janela, queria ver os soldados, era uma greta tão pequena que nunca ela julgaria que pudessem vê-la lá de fora. Mas um soldado viu, atirou, continuou o seu caminho.

Tanto ele disse à mulher que a não mandasse vir da terra! Por outras razões, é certo. Mas se a mulher o tivesse ouvido... Mas se, mas se, mas se, mas se.

Coitada da Ernestina! Parece ainda mais nova, mais magra, mais sem ninguém. Fosse lá como fosse, quem não gostava dela?

1979